

TRADIÇÕES DISCURSIVAS: DO SURGIMENTO À PRODUTIVIDADE DE UM PARADIGMA

Aurea Zavam*
Joaquim Dolz**

- **RESUMO:** Este artigo parte do conceito de tradição discursiva, retomando seu surgimento, para discutir sua produtividade, tanto para os estudos que buscam pesquisar não só a história das línguas como a dos textos, quanto para os que lançam olhar investigativo sobre traços de permanência e vestígios de mudança em textos de sincronias mais recentes. Para tanto, dialoga com textos fundadores do conceito, notadamente os gestados no seio da romanística alemã, expondo, assim, seu desenho teórico, e ainda aponta o espraiamento de tal conceito, perscrutando seu alcance entre diferentes pesquisadores e suas possibilidades de análise nos estudos sobre gêneros textuais. O exercício teórico acentua a significativa contribuição de Eugenio Coseriu para o estabelecimento do paradigma das tradições discursivas e revela a sua legitimidade tanto para o estudo de fenômenos linguístico-textuais quanto para o ensino de língua portuguesa, destacado ao final da discussão. Espera-se que os trabalhos retomados e as reflexões levantadas possam contribuir para levar essa corrente de estudos além dos espaços já alcançados de modo a instigar novas pesquisas e estabelecer novos diálogos.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Historicidade dos textos; Mudança e permanência nos gêneros; Ensino de Língua Portuguesa.

Iniciando o diálogo

Não faz muito tempo, começamos a ver trabalhos que tomam o conceito de tradição discursiva como paradigma para melhor compreender fenômenos linguísticos, sobretudo aqueles ligados à história das línguas e dos textos¹. Na verdade, esse conceito

* Universidade Federal do Ceará (UFC), Departamento de Letras Vernáculas, Fortaleza, CE, Brasil. Professora Associada. aurea@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1645-3330>

** Université de Genève (Unige), Genève, França. Professeur honoraire. joaquim.dolz-mestre@unige.ch. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1488-0240>

¹ Entre esses trabalhos pioneiros, podemos citar a obra organizada pelos romanistas alemães Daniel Jacob e Johannes Kabatek, em 2001, *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica*, que reúne artigos de diversos pesquisadores que se voltam para diferentes fases e diferentes gêneros textuais do ibero-romance medieval com o objetivo, entre outros, de investigar as tradições textuais e os processos de elaboração por meio dos quais as línguas

não é tão recente quanto possa parecer à primeira vista. Embora o termo tenha sido apresentado ao público pela primeira vez em 1988, como acentua Kabatek (2021), por Peter Koch e por Wulf Österreicher, em artigos de uma publicação comemorativa a Coseriu – *Energeia und Ergon – Studia in honorem Eugenio Coseriu*, a ideia já havia sido lançada por Brigitte Schlieben-Lange, em 1983, com o lançamento da obra *Traditionen des Sprechens. Elemente einer pragmatischen Sprachgeschichtsschreibung*². Tanto esta produção quanto as duas anteriores têm seus fundamentos assentados na obra de Eugenio Coseriu, particularmente nos postulados que o linguista romeno estabeleceu para explicar o funcionamento da linguagem e a mudança das línguas, e assim acentuar o papel tanto das tradições linguísticas, aquelas ligadas à língua como sistema historicamente dado, quanto das tradições discursivas, isto é, tradições textuais contidas no acervo da memória cultural de uma comunidade, nas maneiras tradicionais de dizer ou de escrever (Kabatek, 2005).

Schlieben-Lange, que desenvolvera sua tese de doutorado sob a orientação de Coseriu, no final dos anos 1960, estabeleceu diálogo entre a teoria do mestre romeno e aspectos da Sociolinguística e da Pragmática, e então propôs, na obra acima referida, uma Pragmática Histórica, relacionando a discussão sobre oralidade e escrituralidade a uma visão histórica, e ainda evidenciando a existência de uma outra história além da história das línguas – a história dos textos, vindo assim a dar o pontapé inicial para o que hoje conhecemos como o paradigma das tradições discursivas (Kabatek, 2005).

De lá para cá, o conceito de tradição discursiva (doravante TD) tem se revelado bastante produtivo para muitos estudos linguísticos, quer do ponto de vista diacrônico, como uma vertente da Linguística Diacrônica, quer do ponto de vista sincrônico, como possibilidade de diálogo com outras áreas, como, por exemplo, a Sociolinguística³, a Aquisição da escrita⁴, a Análise do Discurso⁵ e a Linguística dos Gêneros Textuais⁶. Inicialmente circunscrito a Tübingen e Freiburg, cidades onde se desenvolveram os estudos pioneiros, o modelo se expandiu para outras instituições alemãs, onde encontrou eco nas pesquisas de Jungbluth (1996), Stoll (1997) e Aschenberg (2003), por exemplo. Indo mais além, ultrapassou as fronteiras alemãs e se espalhou para outros países, como Espanha, na Europa; Argentina, Brasil, México e Peru, na América Latina. A título de ilustração, na Espanha, podemos citar os estudos desenvolvidos por López

da Península se constituíram como línguas de cultura, investindo, assim, na relação entre historicidade das línguas e historicidade dos textos.

² A versão em português foi publicada em 1993, com tradução de Fernando Tarallo *et al.*, sob o título *História do falar e história da linguística*, pela editora da Universidade Estadual de Campinas.

³ Na Sociolinguística histórica, podemos citar Lopes (2011), com a variação dos pronomes “tu” e “você” em cartas pessoais escritas entre 1906 e 1937.

⁴ Cf. Longhin-Thomazi (2011), que investiga a aquisição de tradições discursivas por crianças do ensino fundamental, e Lopes-Damásio (2014, 2019, 2022), que, em diversos estudos, tem se debruçado sobre os mecanismos de junção, tomados como tradições discursivas, em textos de escrita infantil.

⁵ Cf. Andrade (2010), que analisa cartas do leitor publicadas em jornais paulistas nos anos 1828 e 1893, recorrendo, entre outras categorias, a algumas da Análise Crítica do Discurso.

⁶ Cf. Zavam (2009), que analisa o percurso sociopolítico e histórico do editorial de jornal em exemplares publicados em jornais cearenses nos séculos XIX e XX.

Serena (2011, 2021a), Pons Rodriguez (2008); na Argentina, Ciapuscio (2012); no Brasil, Costa (2010), Gomes (2007), Longhin (2014), Lopes (2011), Zavam (2009); no México, Gallegos Shibya (2003), Mendoza Posadas (2020); no Peru, Garatea (2001)⁷.

Como podemos constatar, a relevância desse modelo tem feito escola e atraído para sua órbita pesquisadores de vários países, comprometidos com a discussão de fenômenos ligados à história das línguas românicas, bem como com a história dos textos/gêneros registrados nessas línguas, fato que justifica o interesse por trazer o assunto à tona. Com o objetivo, então, de lançar um pouco mais de luz às discussões e reflexões já empreendidas, revisitamos neste artigo o percurso de surgimento do modelo das tradições discursivas, dialogamos com postulados de Coseriu que deram embasamento a proposição e expansão do conceito, demonstramos por meio de um breve exercício analítico alguns dos aspectos pelos quais as tradições podem ser reconhecidas nos textos e, por fim, argumentamos em favor da sua produtividade para a área de aquisição da escrita e de ensino de línguas, em particular o de língua portuguesa.

Puxando o fio da história

Peter Koch, o referido romanista alemão, com o intuito de esclarecer a possível ambiguidade que os termos “norma” e “língua”, tal como adotados por Coseriu, poderiam gerar na investigação de fenômenos de variação linguística, recorre ao termo TD para assim não só contribuir com uma classificação adequada de tais fenômenos como também fornecer uma base para avaliar diferentes perspectivas dentro dos estudos da linguagem em geral (Koch, 1988, p. 327). Wulf Österreicher, por sua vez, na citada obra que homenageia Coseriu, retoma a tríade coseriana dos níveis de linguagem e o conceito de TD para, à luz desse arcabouço teórico, discutir tanto o termo “variação linguística” quanto uma dimensão da variedade linguística, por meio da análise de fenômenos de variação que até então não haviam sido clara e satisfatoriamente explicados em pesquisas anteriores (Österreicher, 1988, p. 356).

Em 1990, dois anos depois do lançamento da obra em homenagem a Coseriu, Koch e Österreicher publicam o livro *Gesprochene Sprache in der Romania – Französisch, Italienisch, Spanisch*⁸ e voltam a recorrer à concepção de TD. Partindo da distinção proposta entre imediatez e distância comunicativa (oralidade/escrituralidade), os

⁷ Além desses trabalhos, vale citar duas obras relevantes para a difusão do conceito de tradição discursiva: a primeira organizada por Ciapuscio *et al.* (2006), fruto de comunicações voltadas à análise diacrônica de fenômenos linguísticos da América Latina, apresentadas no Congresso de Freudenstadt, ocorrido em 2004; e a segunda, o volume 7 da Coleção *Para a História do Português Brasileiro*, organizado por Andrade e Gomes (2018), voltado para mudanças e permanências observadas por pesquisadores brasileiros ao longo de dois séculos em gêneros de distintos campos de atuação. É digno de nota ainda o artigo de López Serena (2021b), que, além de discutir a relevância do conceito, faz um exaustivo levantamento de trabalhos que recorrem a esse paradigma na Espanha, Hispanoamérica e Brasil.

⁸ A versão em espanhol – *Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano* – foi traduzida por Araceli López-Serena e publicada, em 2007, pela editora Gredos, de Madri.

pesquisadores lançam reflexões sobre alguns problemas da linguagem falada, com base em material de *corpus* autêntico, nas três principais línguas românicas – francês, italiano e espanhol. Tais reflexões ancoram-se no argumento de que um enunciado comporta sempre duas historicidades: a linguística, pois as línguas, como sistemas dados historicamente, estão sujeitas à variação; e a textual, pois determinadas regularidades se ligam a esquemas de texto e não propriamente a uma língua particular. Baseados nesse pressuposto, que também havia sido defendido por Schlieben-Lange, os autores lançam mão mais uma vez do modelo dos três níveis de linguagem – universal, histórico e individual – proposto por Coseriu⁹ para o qual deram uma nova configuração: acrescentaram paralelamente ao nível histórico o nível das tradições discursivas, a fim de melhor determinar a natureza dos fenômenos linguísticos então investigados – da oralidade ou da escrituralidade (Costa, 2010).

Embora essa obra de Koch e Öesterreicher, como ressalta López Serena (2002), seja aquela em que os autores se dedicam com mais profundidade e sistematicidade a um arcabouço teórico que possibilita melhor compreender fenômenos ligados à variação linguística – e por isso a sua inegável relevância, tanto para a Sociolinguística histórica como para a própria difusão do conceito de TD, foi o artigo de Peter Koch, publicado em 1997, que passou a ser referência para a consolidação do termo – *Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik*¹⁰, sobre o qual passamos a falar.

Retomando o diálogo de Koch com Coseriu

No texto crucial para o desenvolvimento do conceito de TD, Peter Koch parte de uma situação comunicativa espontânea de um motorista de caminhão, falante de um dialeto alemão, especificamente o focinho berlinense, para não só apresentar a noção de TD como produtiva para investigações linguísticas que buscam dar conta da dimensão histórica das línguas, como também para delimitar seu campo teórico. Com esse exemplo, o romanista alemão deixa evidenciado que a investigação desse tipo de fenômeno linguístico, no caso, a variação dialetal, para ser mais bem-sucedida, deve necessariamente ser levada a termo de um ponto de vista que considere as TD. Como argumento a referendar sua tese, Koch recorre inicialmente à concepção sobre linguagem de Coseriu (1980), que a toma “como uma atividade humana universal, que, em obediência a normas historicamente dadas, é exercida por indivíduos [...]” (Koch 2021[1997]¹¹, p. 362). Dessa concepção, como sabemos, resultam os conhecidos três

⁹ Sobre esse modelo coseriano falaremos mais adiante.

¹⁰ Este relevante artigo para os estudos das tradições discursivas foi traduzido por Alessandra Castilho da Costa e sua versão em português – *Tradições discursivas: de seu status linguístico-teórico e sua dinâmica* – encontra-se publicada, desde 2021, pela Revista *Pandaemonium*. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/176747/164106>. Acesso em: 17 jan. 2023.

¹¹ A fim de evitarmos transcrever o texto original em nota de rodapé sempre que recorrermos a uma citação direta deste artigo, optamos por fazer uso da tradução, que foi autorizada pelo autor. Assim, indicamos entre colchetes o ano da

níveis coserianos, reproduzidos por Koch (2021, p. 362), sob os quais a linguagem poderia ser analisada:

nível universal	“o falar [...] antes de qualquer especificação das línguas particulares. (ibid.). também: atividade do falar
nível histórico	“as tradições históricas do falar que valem para cada uma das comunidades linguísticas que se formaram historicamente [...] (línguas históricas, dialetos, etc.)”. (COSERIU 1973: 6) também: língua particular
nível individual	“ato de fala ou [...] série de atos de fala conexos realizados por um indivíduo em uma situação específica” (ibid.) também: discurso, texto

A fala do motorista é, então, tomada como exemplo de atualização única e individual (nível individual) da atividade do falar (nível universal) de uma língua particular, no caso o alemão (nível histórico). Para Koch, ainda que, de acordo com o modelo coseriano, tal fala diga respeito ao nível individual (do discurso e do texto), premissa com a qual concorda, isso, por si só, não daria conta de explicar de verdade o fenômeno do focinho berlinense; da mesma forma a observação somente sob a perspectiva do nível histórico, das tradições das línguas particulares, também não lograria êxito. Koch conclui, assim, estar diante de dois tipos distintos de tradições do falar: um, que estaria ancorado na tradição linguística-diatópica, quando alguém, por exemplo, fala o dialeto berlinense (mas não o focinho berlinense); e outro, que atravessaria essa tradição transcendendo o discurso individual, quando alguém, por exemplo, fala especificamente o focinho. Essa constatação justificaria a criação de uma dimensão que desse conta de mais um tipo de tradição do falar, também dada historicamente, mas não a dimensão das línguas históricas particulares.

Em sua proposição, Koch reconhece que Brigitte Schlieben-Lange já havia estabelecido essa distinção, quando, na obra anteriormente referida, tratando da oralidade/escrituralidade, destinou capítulos próprios ao nível da atividade do falar, ao nível da história das línguas particulares e ao nível da história das tradições textuais. Convicto da distinção entre essas duas historicidades – a historicidade das línguas e a historicidade dos modelos de texto (e já a tendo defendido em outros trabalhos), Koch retoma a proposta da duplicação do nível histórico, que se baseia no seguinte esquema de Coseriu:

publicação original seguida do ano de publicação da tradução (2021[1997]); nas citações posteriores somente o ano da tradução (2021).

Quadro 1 – Estrutura geral da linguagem

	pontos de vista		
níveis	<i>ἐνέργεια</i> atividade	<i>δύναμις</i> saber	<i>έ'ργον</i> produto
nível universal	falar em geral	saber ilocucional	totalidade do “falado”
nível histórico	língua concreta	saber idiomático	(língua abstrata)
nível individual	discurso	saber expressivo	“texto”

Fonte: Coseriu (1980, p. 93)¹²

Com este quadro, Coseriu sintetizou a distinção que estabeleceu entre os níveis fundamentais da organização linguística, segundo princípios estruturais e funcionais. O linguista partiu da concepção que toma a linguagem como atividade criadora, orientada por tradições linguísticas e realizada em textos concretos, para então distinguir os já referidos três níveis: i) nível universal, ii) nível histórico e iii) nível individual, os quais responderiam pela atividade comunicativa realizada por indivíduos nas mais distintas situações de interação verbal. A cada um desses níveis, como podemos ver, fez corresponder um plano específico (ponto de vista) – atividade, saber, produto – resultando em nove seções na estrutura geral da linguagem.

Peter Koch, não reconhecendo, nem no quadro sinótico de Coseriu (cf. Quadro 1) nem na explicação sobre cada um dos níveis, a distinção entre as duas histórias – das línguas e dos textos¹³, e tomando o conceito de tradição discursiva como crucial para o desenvolvimento de sua tese sobre tradições medievais na língua italiana, como bem lembra Kabatek (2021), justifica, assim, a bipartição do nível histórico, que recebeu o acréscimo, ao lado da história da língua, da história das tradições discursivas:

Considero, portanto, indispensável duplicar o modelo de Coseriu no nível histórico. Paralelamente ou, melhor dizendo, transversalmente às tradições e normas intralinguísticas, devem ser incluídas também as tradições textuais ou – como as denomino – as tradições discursivas ou normas discursivas (Koch, 2021, p. 364).

Uma vez bipartido, o nível histórico abrigaria, assim, duas dimensões: a da língua como sistema (gramatical e lexical) e a da tradição discursiva (textual), como podemos observar no quadro a seguir.

¹² Embora a edição em língua portuguesa seja de 1980, a obra, na verdade, foi concebida durante os anos de 1968 a 1971, quando Coseriu ministrou aulas para professores de literatura e línguas estrangeiras vinculados ao Ministério da Educação Nacional da Itália. A publicação em língua portuguesa resultou, portanto, desse manuscrito em italiano.

¹³ A distinção estabelecida por Coseriu pode ser atestada na obra já referida, *Lições de linguística geral*, e em outros textos como o artigo *Do sentido do ensino da língua literária*, publicado em espanhol em 1987, e traduzido e publicado em português em 1993, como veremos adiante.

Quadro 2 – Níveis e domínios da linguagem

Nível	Campo	Tipo de norma	Tipo de regra
universal	atividade de falar	(cf. notas 7 e 8)	regras do <i>falar</i>
histórico	línguas particulares	normas da língua	regras da <i>língua particular</i>
histórico	tradição discursiva	normas do discurso	regras do discurso
individual/atual	discurso		

Fonte: Koch (2021, p. 364)

O quadro apresentado por Koch (2021), como se constata, por um lado conserva aspectos já apontados por Coseriu (1980) e por outro inova ao trazer um outro domínio, o das tradições discursivas, consideradas, assim como as línguas, fenômenos históricos.

Ainda que as línguas particulares assim como as tradições discursivas constituam ambas tradições históricas, Koch esclarece que o campo das línguas particulares não se confunde com o das tradições discursivas, ainda que estejam entrelaçados, pois, enquanto o primeiro, sob o aspecto intralinguístico, diria respeito tanto às línguas particulares quanto às suas variedades (por exemplo, o espanhol, o alemão, o português, o sertanejo etc.); o segundo, sob o aspecto da tradicionalidade discursiva, responderia não somente pelos gêneros textuais, como, por exemplo, a bula, o soneto, entre outros, como também pelos estilos, pelas formas conversacionais, pelas formas literárias, pelos atos de fala, pelos modos tradicionais de dizer, como o maneirismo, o trovadorismo, os juramentos etc.

Quanto ao tipo de norma (2ª coluna do quadro), as notas de rodapé 7 e 8 a que alude Koch (2021, p. 364-365) esclarecem, primeiramente, sua hesitação em falar de normas do nível universal, isto é, de atribuir “normas do falar” a esse nível da linguagem, pois o termo “norma” costumeiramente é tomado como “grandezas histórico-convencionais”; em seguida, na nota posterior, o esclarecimento recai sobre o fato de não ver problema em empregar o termo “regra” no nível universal (“regras do falar”), uma vez que prefere falar de “complexos de regras do falar”, e não de “normas do falar”.

Sobre a “ausência” de norma e regra no nível individual (lacunas não preenchidas), Koch (2008) acentua não haver um tipo específico de regra no nível do discurso, pois os falantes somente aplicariam regras elocucionais (do nível universal), idiomáticas (do nível histórico das línguas particulares) e discursivas (do nível histórico da tradição discursiva); na anteriormente referida obra de 2021[1997], Koch destaca não ser possível, nesse nível da linguagem, atribuir nenhum tipo de regra, nem de norma, já que um falante não seguiria uma regra uma única vez, como já enfatizara Wittgenstein, citado pelo autor (2008, p. 365).

A proposta de Koch (2021), como vimos, tem o mérito de deixar clara a relação entre a história da língua e a história dos textos. O modelo está sustentado na tese de que essas duas histórias – da língua e dos textos – atravessam tudo o que dizemos ou produzimos, quer na modalidade oral quer na modalidade escrita.

Em outras palavras, como explica Costa (2010, *on-line*), “todo texto segue necessariamente duas tradições: a tradição da língua em que foi produzido (no português, no espanhol, no inglês, no alemão, etc.) e a tradição de determinados modelos textuais (estilos, gêneros textuais, fórmulas, entre outros)”. Conversemos um pouco mais sobre o modelo de Koch.

Trocando mais algumas palavras sobre o modelo teórico de Koch

No texto fundador que vimos discutindo, Koch (2021) traz à cena outros aspectos que estão estreitamente imbricados à noção de tradição discursiva e que servem à sua melhor compreensão.

Em relação ao emprego do termo “gêneros discursivos” por tradições discursivas, Koch chama atenção para o fato de o termo ser tomado como “entidades de naturezas completamente diversas” (2021, p. 374), considerando que podem ser classificadas com base em traços, em primeiro lugar, como oral x escrito, dialógico x monológico, função referencial x função apelativa, desenvolvimento descritivo x desenvolvimento argumentativo, e em segundo lugar, como notícia de jornal, entrevista, soneto, palestra, entre outros. Na primeira classificação, o que se leva em conta são constantes universais, fundamentais para as regras do falar; na segunda, são as tradições históricas, transportadas por determinados grupos culturais. Nesse caso, fala-se de tradições discursivas e, por esse motivo, o romanista defende, para o nível das regras do discurso, o emprego do termo “tradição discursiva”, justamente por ter essa dimensão histórica mais acentuada.

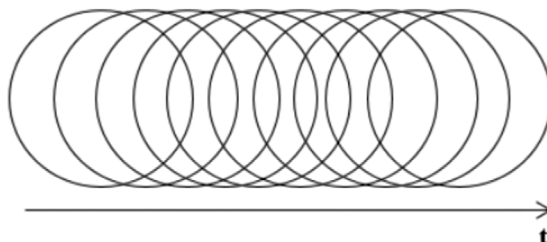
O conceito se mostra proveitoso também para, ao tratar de oralidade e escrituralidade, distinguir particularidades das TD em relação ao meio (fônico x gráfico) e à concepção discursiva (imediatez x distância comunicativa). Levando em consideração esses dois aspectos – meio e concepção discursiva, pode-se estabelecer distinções, por exemplo, entre o *talk show* (fônico), a entrevista a uma revista (obtida fonicamente e depois registrada graficamente) e o telejornal (fixado graficamente e depois realizado fonicamente pela leitura em voz alta). Chega-se, então, à conclusão de que toda TD tem um traço definidor tanto do ponto de vista medial quanto do ponto de vista da concepção discursiva, e que um pode ser independente do outro, pois, uma ata de defesa, por exemplo, ainda que venha a ser lida para o público presente àquele contexto comunicativo, continuará a ser uma ata de defesa, produzida graficamente. Em relação à concepção discursiva, não há posições dicotômicas entre um polo e outro; o que se tem, na verdade, é um *continuum* imediatez-distância comunicativa, e nesse sentido pode-se determinar um ponto desse *continuum* em que uma TD pode ser alocada¹⁴.

Ao chamar atenção para a parte “tradição” do termo tradições discursivas, o autor reforça o caráter conservador, tradicional, visto a alta estabilidade com que as tradições

¹⁴ Marcusch (2001), ao explicar as relações entre fala e escrita, também defende, baseado em Koch e Oesterreicher (1990), a ideia do *continuum* por meio do qual se poderia distinguir e correlacionar os textos/gêneros de cada modalidade.

atravessam os tempos, mas não deixa de acentuar seu aspecto variável, pois se está tratando de fenômenos historicamente modificáveis. Considerando, então, essa tendência a modificações, é fácil constatar que uma TD, ao se adaptar a novas contingências, vai ao longo do tempo se alterando. Nesse processo, vai consequentemente se distanciando das suas manifestações primeiras. Para explicar esse distanciamento e melhor entender a identidade diacrônica de uma TD, aqui entendida como gênero textual, Koch diz ser relevante recorrer ao conceito de “semelhança familiar” de Wittgenstein¹⁵ e à representação de Givón (1986)¹⁶ e então reproduz o seguinte diagrama:

Figura 1 – Representação gráfica do processo de conservação e mudança das tradições discursivas



Fonte: Koch (2021, p. 383)

O diagrama representa as sucessivas mudanças pelas quais os gêneros vão passando no decurso do tempo (t). É importante lembrar que os gêneros, embora, com o tempo, se distanciem das primeiras manifestações, com elas guardam relações de semelhança, daí a pertinência do conceito de Wittgenstein. Ainda que faça ressalva ao fato de um modelo de sobreposição como o proposto não dar conta de toda a complexidade que envolve a dinâmica discursivo-tradicional, Koch parte desse diagrama para desenvolver outros que vão representar a tensão entre conservação e inovação. A tensão se dá justamente por alguns elementos constituintes permanecerem por algum tempo nas novas tradições ainda que não desempenhem mais função alguma em relação ao propósito comunicativo; esses elementos disfuncionais tendem, mais cedo ou mais tarde, ao desaparecimento, ou também, em certas circunstâncias, à estetização. Como exemplo desse processo de estetização, Koch explica que, em sociedades orais, nas TD poéticas, que tinham na assonância/rima/ritmo uma forma de memorização da poesia, com a difusão da escrita, essas qualidades tonais e rítmicas perdem sua relevância “‘técnica’ para a memorização” e “se tornam características puramente estéticas da poesia” (Koch, 2021, p. 389).

¹⁵ Para saber mais sobre semelhança familiar, cf. Wittgenstein, L. ([1953]1999). *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. Nova Cultural (Coleção Os Pensadores: Wittgenstein), particularmente a passagem do §66 ao §68.

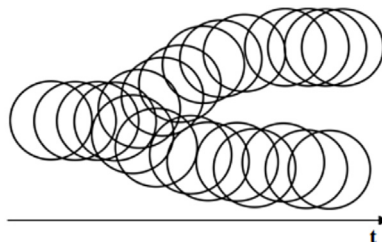
¹⁶ Givón, T. (1986). Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: CRAIG, C. (ed.). *Noun Classes and Categorization*. Benjamins, p. 77-102. Koch (2021, p. 382-383) reproduz ainda o esquema de Strube (1989), mas prefere o de Givón por reconhecer que, de certa forma, o diagrama deste sinaliza para a mutabilidade histórica e a dinâmica das tradições discursivas.

O romanista alemão defende o princípio de que as “tradições discursivas são, basicamente, apenas um tipo das multifacetadas tradições culturais do ser humano” (Koch, 2021, p. 384), como o são as tradições musicais, gastronômicas, esportivas, religiosas, entre outras, ancorado no fato de que as tradições discursivas, assim como todas as outras tradições culturais, estão em constante processo de mudança, visto que, a cada novo desafio, quer seja cultural, econômico, político ou mesmo técnico, novas necessidades surgem e as tradições que já estão consolidadas não conseguem satisfazer plenamente essas novas demandas, o que impulsiona tanto a modificação das que existem quanto o surgimento de novas tradições culturais. As novas nunca surgem do nada, sempre se ligam a alguma já convencionalizada.¹⁷

Intrigado com o modo como o novo e o inovador se manifestam nas TD, Koch, sempre estabelecendo paralelo entre uma tradição cultural e uma tradição especificamente discursiva¹⁸, demonstra que a inovação ocorre por meio de três processos distintos: diferenciação, mistura e convergência.

Em relação ao processo de diferenciação, considerado “processo típico da inovação de tradições culturais” (p. 390), no que se refere especificamente à tradicionalidade discursiva, o exemplo dado é o do *avviso* (surgido a partir da impressão de carta de notícia manuscrita), que propiciou o surgimento, por um lado, na esfera jornalística, de gêneros que levaram à notícia de jornal; e, por outro, num processo de literarização, do romance epistolar. Para representar graficamente, esse processo, Koch propõe o diagrama seguinte.

Figura 2 – Representação gráfica do processo de diferenciação entre tradições discursivas



Fonte: Koch (2021, p. 390)

Na origem, teríamos o *avviso*, que teria contribuído para o surgimento de TD distintas: na parte superior, a notícia de jornal, e na parte inferior, o romance epistolar.

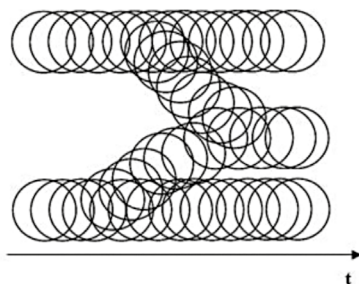
¹⁷ Embora Koch não faça nenhuma menção às formulações sobre os gêneros do discurso levantadas por Bakhtin (2016[1979]), não podemos deixar de reconhecer que o filósofo russo já havia chamado atenção para fato de um enunciado (gênero) ser um elo na cadeia da comunicação e estar vinculado aos que o antecedem e o determinam.

¹⁸ Por questão de espaço e de foco deste artigo, nos reportaremos somente às tradições discursivas propriamente ditas.

Esses dois gêneros, isto é, essas duas TD seriam assim inovações decorrentes do processo de diferenciação.

No que diz respeito ao processo de mistura, Koch lembra que a diferenciação de tradições culturais ocorre concomitante ao processo de mistura de tradições. Para ilustrar esse movimento, o autor recorre ao discurso político público que surge no norte e no centro da Itália no século XIII, a *arenga*. Como não havia, nas sociedades da época, uma tradição em que se pudesse basear essa nova necessidade de prática discursiva, a tendência foi a mistura com outras práticas, de certa forma, assemelhadas. A *arenga* resulta, assim, da carta oficial, do discurso público e da prédica, e nesse processo passou pela transposição de regras do discurso, possivelmente provenientes de tradições que lhe deram origem. A representação gráfica desse processo é a que segue:

Figura 3 – Representação gráfica do processo de mistura de tradições discursivas

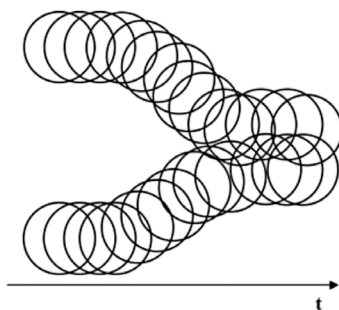


Fonte: Koch (2021, p. 391)

A *arenga*, discurso político público da Itália do século XIII, surge, como vimos, de elementos constitutivos de outras tradições – carta oficial, discurso público, acrescidos da prédica, esta a única tradição pública, que, embora não fosse política, já estava consolidada; todas três representadas pelas espirais que se amalgamam.

Já o processo de convergência diz respeito à probabilidade de tradições culturais distintas seguirem desenvolvimento análogo e a partir de determinado momento compartilharem o mesmo percurso de desenvolvimento. Para exemplificar, Koch cita os jornais impressos e as revistas, que se movem atualmente cada vez mais em direção ao que se denomina de *infotainment*, isto é, a convergência entre informações de natureza jornalística e informações de entretenimento. Para representar tal processo, apresenta este diagrama:

Figura 4 – Representação gráfica do processo de convergência entre tradições discursivas



Fonte: Koch (2021, p. 393)

Como vimos, os jornais impressos e as revistas, representados por duas distintas espirais, no decurso do tempo, devido a novas demandas, vão sendo aproximadas e acabam engendrando uma nova prática, a do infoentretenimento.

Esse processo que resulta em novas TD, denominada por Koch de inovação, já havia merecido atenção de Bakhtin (2016 [1979]), que o tratou como reelaboração. O filósofo russo, atento à extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso, estabelece distinção entre os gêneros primários (simples) e os secundários (complexos)¹⁹ e postula que os gêneros secundários, gestados nas condições de interação social mais complexa, isto é, mais desenvolvida e organizada, em seu processo de formação, “incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições de comunicação discursiva imediata” (Bakhtin, 2016, p. 15). Mas não foi só Bakhtin que evidenciou a reelaboração dos gêneros. Bronckart (1999, p. 73-74), reconhecendo o caráter histórico e adaptativo das produções textuais, salienta que “alguns gêneros tendem a desaparecer [...], mas podem, às vezes, reaparecer sob formas parcialmente diferentes; alguns gêneros modificam-se [...]; gêneros novos aparecem [...]; em suma, os gêneros estão em perpétuo movimento”.

Focalizando o processo de reelaboração de gêneros e ancorando-se nas proposições bakhtinianas, Zavam (2009, 2012) amplia a noção de reelaboração e cria uma tipologia operacional a fim de marcar as diferentes formas pelas quais se dá o fenômeno, estabelecendo, então, quatro categorias. Assim, numa primeira instância, a distinção se daria entre “reelaboração”²⁰ criadora e “reelaboração inovadora”. A “reelaboração

¹⁹ A respeito dessa distinção crucial em Bakhtin, cf. Faraco (2003).

²⁰ No trabalho de 2009, Zavam se baseou na tradução que Maria Ermantina Galvão Pereira fez da obra *Estética da criação verbal* (1992, 1ª edição), diretamente do francês, na qual o termo empregado é “transmutação”. No texto de 2012, ainda que tenha recorrido à tradução de Paulo Bezerra do original russo (2011), que adota o termo “reelaboração”, Zavam continua a empregar “transmutação”, mesmo admitindo que o adotado por Paulo Bezerra seja mais adequado, por, diante do que é tratado no texto, manter-se fiel à proposta de categorização do fenômeno tal qual foi concebida. Aqui optamos pelo termo mais adequado, justamente por acentuar o protagonismo dos sujeitos no referido processo.

criadora” responderia pelo surgimento de um novo gênero, sempre a partir de um já existente, como ocorreu, por exemplo com o *blog*²¹; a “reelaboração inovadora” resultaria da possibilidade que todo gênero tem de renovar a si mesmo, sem que dê origem a um novo gênero, como podemos constatar com as transformações que são engendradas cotidianamente nos gêneros. Na segunda instância, a distinção se daria entre a “reelaboração externa” e a “reelaboração interna”, ambas resultantes da “reelaboração inovadora”. A primeira – externa, também entendida como “reelaboração intergenérica”²², seria flagrada quando houvesse a inserção de um gênero no outro, como, por exemplo, no caso de um anúncio publicitário de uma agência de viagens que insere em seu texto um cartão-postal. Já a segunda – interna, também interpretada como “reelaboração intragenérica”, se dá não pela inserção de um gênero outro, mas por contingências que condicionam e impulsionam a inovação, por exemplo, quando um gênero migra para o contexto digital e acaba se adaptando a essas novas demandas comunicativas. A mudança de ambiente ou mídia, de propósito comunicativo, de campo de atuação, de época, de estilo, entre outros fatores, acaba por refletir e refratar a dinâmica das interações sociais, que consequentemente fomenta o processo de reelaboração.

A despeito de Koch (2021, p. 391) não ter detalhado mais o processo de inovação nem de ter esclarecido o que chamou de “diferenciação puramente interna” quando se referiu à diferenciação de tradições culturais, o mérito de sua contribuição é indiscutivelmente significativo para os estudos sobre TD. Tanto por indicar, no esquema coseriano, o *locus* de onde devem, segundo ele, ser reconhecidas as tradições discursivas quanto por apresentá-las como uma área específica dentro da investigação linguística. Quanto ao *locus*, convém salientar não se tratar de um posicionamento consensual entre os romanistas alemães. Kabatek (2021), por exemplo, prefere manter-se fiel à visão de Coseriu e assim considera, como o mestre romeno, que as tradições discursivas fazem parte do nível individual (e não do nível histórico)²³. Para além do que foi apontado, merece destaque ainda o fato de Koch, em sua proposta, acentuar que as tradições discursivas são tradições culturais, pois, como sabemos, é no âmbito da cultura, independentemente de suas várias acepções, que o surgimento assim como a conservação e a mudança de tais estruturas linguístico-discursivas são engendradas.

Revisitando posições de Coseriu sobre as tradições discursivas

O texto de Koch (1997) pode dar a impressão de que Coseriu não teria reconhecido propriamente as TD, ainda que haja no texto menção explícita tanto ao esquema tripartido

²¹ Sobre o processo de criação e estabilização do *blog*, cf. Komesu (2004) e Miller (2012).

²² Esse mesmo fenômeno, que tem sido estudado por outros linguistas, recebeu a designação de hibridização, por Marcuschi (2002); superposição, por Alves Filho (2005); e intertextualidade intergenérica, por Koch, Bentes e Cavalcante (2007), entre outros. Em Bakhtin, em outra obra (2016), foi tratado como “intercalação de gêneros”.

²³ Essa divergência foi abordada por Zavam (2009), mais bem fundamentada por Kabatek (2021) e mais recentemente por López Serena (2023).

dos níveis de linguagem proposto pelo mestre romeno, quanto ao que compreende a cada um desses níveis. A fim, então, de desfazer esse possível equívoco, trazemos, nesta seção, trechos de algumas obras em que Coseriu não só faz considerações sobre as TD como as distingue das tradições linguísticas.²⁴

Em um texto de 1957, “El problema de la corrección idiomática”, editado por Kabatek e Meisterfeld²⁵, Coseriu chama atenção para o fato de haver, além do saber falar em geral e do saber falar uma língua em particular, um saber falar em uma determinada circunstância, quer dizer, um saber que possibilita a um falante adequar seu projeto de dizer a pessoa com quem fala, em um determinado momento, e um determinado ambiente. Nesse sentido, defende que existem “textos”, como ditados, provérbios, fórmulas de saudação, entre outros, que, embora sejam transmitidos pela tradição idiomática, não podem ser tomados, considerando a sua estruturação, como um “fato da língua”. Nesses casos, não se estaria diante de técnica idiomática, mas de tradições textuais, isto é, de uma “dimensão histórica dos textos que se manifesta na existência de textos mais ou menos fixados” (Loureda Lamas, 2007, p. 56). Assim as razões que justificariam, por exemplo, o emprego de fórmulas de saudação como *Boa noite!* ou *Buenas noches* – e não “noite boa” ou “noche(s) buena(s)”, não seriam da ordem da técnica idiomática, mas da tradição textual. Mais adiante, marcando a diferença entre “historicidade do instrumento linguístico” e “historicidade dos discursos realizados por meio desse instrumento”²⁶, Coseriu cita o exemplo do soneto que, ao ser escrito em espanhol, aplica a técnica linguística daquela língua, que, por sua vez, tem sua história como tal técnica. No entanto, o que faz do soneto um fato da língua espanhola é justamente ele pertencer a uma tradição própria que “não está ligada a uma língua específica e tem sua própria historicidade”²⁷ (p. 14), no caso a tradição do texto soneto.

Na obra já aqui referida, *Lições de Linguística Geral*, Coseriu, ao se debruçar mais detidamente sobre o plano histórico da linguagem (cf. Quadro 1 – Estrutura geral da linguagem), afirma que esse plano das tradições técnicas, historicamente determinadas, “não contém só fatos linguísticos mas também outras tradições, relacionadas, estas, com as ‘coisas’, vale dizer, com o mundo extralinguístico” (1980, p. 102). Entre os vários exemplos, cita o da expressão “é um cavalo”, que dirigida, em língua portuguesa, a uma pessoa, particularmente do sul do Brasil, significa que essa pessoa se mostra hábil e capacitada no trabalho que desenvolve; já na língua espanhola (“es un caballo”) denotaria, ao contrário, que se trataria de alguém grosseiro e estúpido. Explica, então, que essa diferença de significados atribuídos ao termo “cavalo”, em português e espanhol, não depende das relações linguísticas em si, pois “tais idéias e opiniões constituem tradições que, em geral, não coincidem com as linguísticas, pois podem

²⁴ Zavam (2009), Costa (2010) e Kabatek (2021) também ressaltam que o conceito de tradições discursivas já havia sido abordado por Coseriu.

²⁵ Cf. https://coseriu.ch/wp-content/uploads/publications_coseriu/coseriu336b.pdf.

²⁶ No original, respectivamente, “historicidad del instrumento lingüístico” e “historicidad de los discursos realizados por medio de ese instrumento”.

²⁷ No original: “no ligada a una lengua determinada y tiene su propia historicidade” (Coseriu, 1957, p. 14).

ter limites quer mais amplos, quer mais estreitos do que uma determinada comunidade lingüística” (p. 103).

Em um manuscrito de 1975, “Hacia uma linguística integral”²⁸, Coseriu, ao tratar especificamente dos planos (níveis) da linguagem e da autonomia do plano do texto (terceiro nível), afirma que as tradições do discurso (nível do texto, individual) não são necessariamente tradições idiomáticas (nível histórico). Para o linguista, “os textos não têm apenas tradições idiomáticas, mas suas próprias tradições como textos”²⁹ (Coseriu, 1975, p. 30). Lembra, ainda, que “os textos não vinculados às tradições idiomáticas têm suas próprias tradições como gêneros textuais em vários níveis, desde formas métricas até gêneros literários, e nada mais são do que tradições textuais”³⁰ (p. 31). Entre os exemplos, cita os gêneros tragédia, novela, entre outros, “que são tradições que se referem aos textos, e não a tradições idiomáticas, pois podem se realizar em qualquer idioma”³¹ (p. 31).

Na obra *Competencia Linguística: elementos de la teoria del hablar*³², Coseriu, estabelecendo diálogo com o gerativismo de Chomsky, desenvolve uma teoria sobre a competência linguística – ou *teoria do saber linguístico*, como prefere designá-la – e vai ao longo das mais de trezentas páginas tecendo argumentos que se afastam, sempre e mais, do que a vertente chomskiana concebia como competência. O linguista romeno, diferentemente dos gerativistas, não parte de princípios biológicos para explicar esse saber intuitivo que rege as interações nas quais os indivíduos se envolvem, mas da concepção de que o saber que os falantes usam quando falam é fruto de atividade linguística criadora. A competência linguística, tomada como saber ou técnica dependente da cultura, está relacionada com os três níveis a que já nos reportamos: o do falar em geral, o da língua concreta e o do texto ou discurso (cf. Quadro 1 – Estrutura geral da linguagem). Nesse sentido, distingue, então, três competências: a competência linguística geral, a competência linguística particular e a competência textual ou discursiva. Essas três competências, ainda que uma possa ser autônoma em relação à outra, atuam simultaneamente na atividade do falar de modo que o falante, em situações concretas de comunicação, no exercício da atividade criadora, sempre produzissem novos textos/discursos.

²⁸ Este manuscrito foi traduzido pelo professor Clemilton Lopes Pinheiro, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e encontra-se em fase de negociação para sua publicação.

²⁹ No original: “los textos tienen no solo tradición idiomática, sino que tienen sus propias tradiciones en cuanto textos” (Coseriu, 1975, p. 30).

³⁰ No original: “los textos no collevados por tradiciones idiomáticas tienen sus propias tradiciones en cuanto géneros de textos en varios niveles, desde las formas metricas hasta los generos literarios que no son otra cosa que tradiciones con respecto a los textos” (Coseriu, 1975, p. 31).

³¹ No original: “son tradiciones que se refieren a los textos, no tradiciones idiomáticas, pueden presentarse em cualquier idioma” (Coseriu, 1975, p. 31).

³² Esta obra, cujo título original é *Sprachkompetenz. Grundzüge der Theorie des Sprechens*, foi publicada em 1998, fruto de um curso ministrado por Coseriu na Universidade de Tübingen durante o primeiro semestre de 1983/84 e o segundo semestre de 1984/85. A edição a que nos referimos é a versão espanhola, de 1992.

Na produção dos textos, o falante recorre não somente ao conhecimento que tem sobre o funcionamento da língua em si, mas, sobretudo ao conhecimento que tem sobre o funcionamento dos textos. Assim, ao encontrar um conhecido pela manhã, um falante diria expressões de saudação matinais próprias da sua língua, como por exemplo, *Bom dia!*, em língua portuguesa, ou *Guten Tag!*, em alemão, revelando que os textos têm suas próprias tradições. Assim, “o fato de que precisamente *Guten Tag!* [ou *Bom dia!*], e não outra expressão, seja usada como fórmula de saudação é uma tradição textual e não uma tradição linguística particular, embora seja normal que todos os membros da comunidade linguística conheçam essa expressão”³³ (Coseriu, 1992, p. 194, grifo próprio).

Trouxemos aqui alguns excertos em que Coseriu discorre sobre as TD e deixa claro que não se confundem com tradições linguísticas ou idiomáticas³⁴; enquanto estas fazem parte do nível histórico e estão relacionadas à competência linguística particular, aquelas fazem parte do nível individual (do discurso), diferentemente da visão de Koch (2021), e estão relacionadas à competência textual ou discursiva.

Reverendo definições e exemplificando o conceito

Ainda que o modelo das TD tenha sido foco de estudos de vários pesquisadores, como já apontamos, o conceito, isto é, a definição do termo, nem sempre é apresentada nesses estudos, ou, quando apresentada, quase sempre a referida é a de Kabatek (2005). Com o intuito, então, de deixar mais claro o que é tomado como TD, ainda que sua compreensão não seja de forma alguma uniforme, como pontua Kabatek (2015), trazemos aqui a conceituação em alguns autores, bem como alguns exemplos ilustrativos.

Österreicher, no já citado artigo de 1997, definiu tradições discursivas como “modelos normativos e convencionalizados de transmissão linguística de sentido, que regulam a produção e a recepção de discursos”³⁵ (p. 20). Nesse sentido, a produção assim como a compreensão de todo e qualquer texto, oral ou escrito, mobilizam necessariamente tanto as regras da língua, como técnica historicamente determinada, quanto formas discursivas tradicionalmente convencionalizadas (tradições discursivas).

Com o propósito de esclarecer alguns equívocos em torno do que se convencionou chamar “tradições discursivas”, assim como ampliar o conceito a fim de que não fique restrito a tradições mais complexas, isto é, aos gêneros textuais, e desse modo possa ser

³³ No original: “El hecho de que precisamente *Guten Tag!* y no otra cosa se utilice como fórmula de saludo es una tradición textual y no una tradición lingüística particular, aunque lo normal es que todos los miembros de la comunidad lingüística conozcan esa expresión” (Coseriu, 1992, p. 194).

³⁴ Considerando a enorme produção de Coseriu (cf. Pinheiro, 2018), certamente haverá outros trechos, que deixaram de ser mencionados aqui, em que o linguista discorre sobre o conceito.

³⁵ No original: “normative, die Diskursproduktion und Diskursrezeption steuende, konventionalisierte Muster der sprachlichen Sinnvermittlung” (Österreicher, 1997, p. 20)

aplicado a outras tradições de textos, Kabatek (2005)³⁶, após levantar alguns conceitos atinentes à concepção do termo, chega, então, à seguinte definição, a mais referida nos trabalhos sobre o tema:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou de falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou com qualquer elemento de conteúdo cuja repetição estabelece um laço de atualização e tradição, quer dizer, qualquer relação que se possa estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados (Kabatek, 2005, p. 159)³⁷.

Em texto de 2012, buscando aclarar a delimitação entre os conceitos de TD e gênero e assim evitar uma possível confusão entre ambos, Kabatek lembra que uma TD pode ser uma fórmula determinada, assim como uma forma particular, ambas combinadas dentro de um universo do discurso. Para exemplificar, afirma que “uma fórmula de saudação como *caro amigo* pode ser parte da forma *carta*, que pode ser parte do universo do cotidiano” (Kabatek, 2012, p. 583). Constatamos aqui mais uma vez que uma TD compreende tanto um gênero textual como diferentes partes desse gênero, como veremos com exemplos mais adiante. Nesse sentido, volta a chamar atenção para “princípio da composicionalidade tradicional”, que explicaria o fato de um texto poder “corresponder a toda uma série de tradições co-presentes ao mesmo tempo” (p. 596).

Longhin (2014), em uma obra dedicada não só ao conceito e à história como também ao processo de aquisição das TD, recorre às definições de Österreicher (1997) e Kabatek (2005) para assumir que se trata de “modelos linguísticos tradicionais, socio-historicamente convencionalizados, que condicionam a seleção e a combinação dos elementos linguísticos, regendo assim a produção e a recepção do discurso ou texto” (Longhin, 2014, p. 22) e reconhecer que, por ser um conceito amplo, engloba desde gênero a atos de fala. A noção ressalta, assim, não só o linguístico como também o “convencional, o ritual, o repetível” (p. 22).

Poderíamos citar outras obras que apresentam o conceito de TD, mas todas de uma forma ou de outra ou reproduzem as definições já apresentadas ou as reformulam,

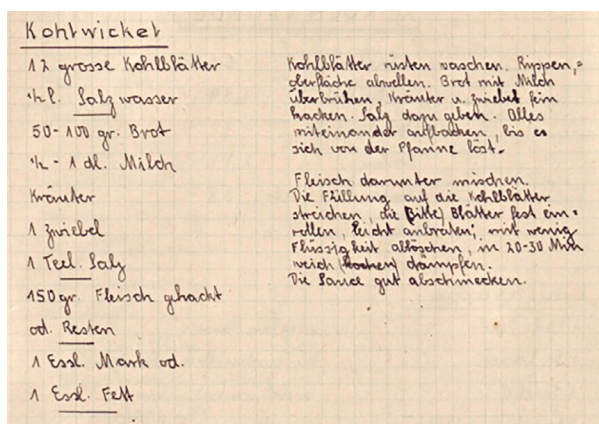
³⁶ Versão em português: KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T. et al. (org.). *Para a história do português brasileiro*. VI: novos dados, novas análises. Tomo II. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 505-527.

³⁷ No original: “Entendemos por Tradição discursiva (TD) la repetición de un texto o de una forma textual o de una manera particular de escribir o de hablar que adquire valor de signo próprio (por lo tanto es significable). Se puede formar en relación con cualquier finalidad de expresión o con cualquier elemento de contenido cuya repetición establece un lazo entre actualización y tradición, es decir, cualquier relación que se puede establecer semióticamente entre dos elementos de tradición (actos de enunciación o elementos referenciales) que evocan una determinada forma textual o determinados elementos lingüísticos empleados” (Kabatek, 2005, p. 159).

mantendo, no entanto, o mesmo sentido, o que nos leva, em síntese, a postular que, sempre que estiver diante de um propósito comunicativo, o falante, necessariamente, irá modelar seu discurso em conformidade com o já dito, estabelecendo, assim, relação entre o atual e a tradição. Da mesma forma, o interlocutor também se guiará por essas tradições textuais ao tomar parte no processo de interação.

Queremos chamar atenção para o fato de esses “padrões” de produção/recepção de textos, historicamente convencionalizados, se atualizarem nos discursos, nas situações de interação, em diferentes dimensões: i) dos gêneros (por exemplo, a receita culinária, quando a finalidade comunicativa for ensinar o preparo de um prato; nesse caso estamos tratando da historicidade do gênero); ii) da estrutura composicional (a organização retórica da receita, do soneto, do meme etc.); iii) dos tipos textuais (o predomínio de determinada sequência textual – narrativa, argumentativa, descritiva etc.); iv) dos estilos (barroco, maneirismo; técnico, científico etc.)³⁸; v) dos aspectos linguísticos (por exemplo, emprego de tempos/modos verbais em determinados gêneros)³⁹. A título de ilustração, vejamos como as TD podem ser flagradas em cada uma dessas dimensões considerando o texto a seguir.

Figura 5 – Rezept für gefüllten ganzen Kohl



Fonte: <https://doazmol-rezepte.ch/archive/5484>

Ainda que não saibamos alemão, podemos identificar o gênero a que pertence o texto reproduzido. Não temos dúvida em reconhecê-lo como uma receita culinária (1ª dimensão). E por quê? Porque identificamos elementos constitutivos, historicamente convencionalizados: a macroestrutura: ingredientes e modo de preparo (2ª dimensão); as presumíveis sequências injuntivas (3ª dimensão); a prevista linguagem mais próxima da coloquialidade (4ª dimensão); o emprego de numerais/medidas; o pressuposto

³⁸ Sobre estilo como tradição discursiva, cf. Gallegos-Shibya (2020).

³⁹ Cf. Gomes e Zavam (2019).

emprego do imperativo (5ª dimensão). O fato de uma receita costumeiramente ser produzida seguindo esses elementos tradicionais não significa dizer que não possa haver inovação, pois, como já salientamos, há uma constante tensão entre conservação e inovação condicionando inexoravelmente as TD. Assim, tanto os elementos que se repetem quanto os que se modificam podem compartilhar um mesmo texto. Kabatek (2005) lembra que tanto a repetição quanto a evocação são traços definidores das tradições discursivas. Diante de uma situação concreta de comunicação, como, por exemplo, alguém querer passar uma receita a outra pessoa, necessariamente outras situações semelhantes serão evocadas nas quais outras receitas foram passadas e uma nova receita será produzida, mas repetida em relação às evocadas. Evocação e repetição atuam, portanto, concomitantemente na atualização das TD.

Convém lembrar, e para isso chamamos atenção também, que as tradições textuais não condicionam somente textos de um passado remoto, mas também os textos dos nossos dias. Vejamos o exemplo seguinte.

Figura 6 – Exemplar de um *tweet*⁴⁰



Fonte: <https://todateen.com.br/noticias/tweets-engracados-dos-famosos.phtml>

Reconhecemos prontamente, na primeira dimensão, o gênero “tweet” (ou “post”), assim como, na 2ª dimensão, a estrutura composicional, formada pela foto e nome do proprietário do perfil (no caso, Anitta, uma cantora brasileira (re)conhecida (inter) nacionalmente), pelo texto curto (determinado número de caracteres) e por outras informações que compõem o todo textual (*retweets* [*reposts*], *likes*, seguidores); na 3ª dimensão, (a simulação de) uma sequência dialogal; na 4ª dimensão, os traços de imediatez comunicativa; na 5ª dimensão, o emprego de recursos prosódicos (prolongamento da sílaba), entre outros.

Como vemos, as TD estão todo o tempo não só refratando e refletindo como também se ajustando às demandas comunicativas, pois, como salienta Koch (2021, p. 379), “quando se iniciam mudanças no campo político, econômico, cultural, religioso etc.,

⁴⁰ Mantivemos o termo “tweet” por ser o mais conhecido para designar as mensagens trocadas na rede social Twitter, que, após ser comprada por Elon Musk, passou a ser X. As mensagens, por sua vez, por determinação do novo dono do *site*, deixam de ser “tweets” e passam a ser chamadas de “posts”. Cf. matéria publicada na página do *Estado de Minas*: https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2023/08/09/interna_tecnologia,1543222/elon-musk-troca-nomenclatura-do-x-antigo-twitter.shtml.

despertam-se novas necessidades comunicativas. Essas novas necessidades motivam, por sua vez, o surgimento de novas tradições discursivas”.

A perspectiva teórico-metodológica das tradições discursivas, como vimos, tem evidenciado sua relevância nos estudos sobre variação/mudança da língua e dos textos. Para além dessas áreas já consolidadas, temos visto surgir trabalhos que relacionam TD e aquisição da escrita e TD e ensino. É o assunto que tomamos para ir encerrando nosso diálogo.

Trilhando por novos caminhos e encaminhando a conclusão

Por possibilitar identificar elementos tradicionais nos textos, assim como a função que assumem nesses textos e na sua historicidade, podemos apontar outras possibilidades para o modelo das TD. Primeiramente, o modelo tem demonstrado produtividade para os estudos (em aquisição) da escrita, como já mencionado anteriormente. Podemos citar Longhin-Tomazi (2011), que, em um estudo longitudinal, analisa produções escritas de duas crianças durante os quatro primeiros anos do ensino fundamental e constata que a aquisição da escrita pode ser mais bem compreendida quando se consideram os esquemas de junção como fenômeno privilegiado para a apreensão de tradições discursivas. Lopes-Damásio (2020), por sua vez, ao investigar exemplares de dois gêneros – relato de experiência e carta de opinião – produzidos por alunos dos anos finais do ensino fundamental, aponta relações linguístico-discursivas entre mecanismos de junção e TD.

Em segundo lugar, a produtividade tem se estendido para o ensino de línguas, no caso do que estamos tratando, o de português. Sabemos, entretanto, que, apesar dos avanços do modelo em diversas pesquisas, que certamente podem ter desdobramento para o ensino, ainda há um caminho a percorrer para que esses modos tradicionais de dizer ou escrever, reconhecidos na constituição dos textos/gêneros, possam ser tomados como objeto de ensino e chegar, assim, à sala de aula. Cientes desse potencial, professores pesquisadores já vêm desenvolvendo (orienta)ções que visam incluir a historicidade dos textos nas práticas de ensino de língua portuguesa⁴¹, notadamente as que focalizam os gêneros textuais, ainda que não se limite a esses artefatos discursivos, pois há outras dimensões que podem ser trabalhadas, como ficou demonstrado na seção anterior. Além disso, é sempre oportuno lembrar que, embora todo gênero seja uma TD, nem toda TD é um gênero. Como exemplo podemos citar a expressão “nesses termos, pede deferimento”, que todos reconhecemos fazer parte de requerimentos. Tal expressão é uma TD, mas não é um gênero; o gênero é o requerimento.

Algumas (ainda poucas, é verdade) pesquisas que investem nessa relação entre o paradigma das TD e ensino já despontam nos programas de pós-graduação tanto

⁴¹ Um exemplo é o grupo Histel (Historicidade dos Textos e Ensino de Língua), que reúne pesquisadores de cinco países com o objetivo de abordar a historicidade dos textos em estudos que possam servir ao ensino de línguas, com base na interface entre Tradições Discursivas e Interacionismo Sociodiscursivo (www.histel.com.br).

acadêmico quanto profissional⁴². No profissional, precisamente no Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras)⁴³, pesquisas que partem do paradigma das TD para conceber atividades que visem a melhoria das práticas de ensino têm recorrido ao modelo das sequências didáticas, de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), e mais recentemente a proposta de itinerário didático, como apresentada por Dolz, Lima e Zani (2020). Como exemplos, citamos a dissertação de Santos (2019), que investe numa abordagem socio-histórica do gênero anúncio impresso a fim de proporcionar, por meio de uma sequência didática, atividades de compreensão voltadas a transformações sociais que modificam a língua e o gênero em questão, e a de Taura (2019)⁴⁴, que investiga a relação entre tradição discursiva e variação linguística por meio da aplicação de uma sequência de atividades voltadas para a produção do gênero carta pessoal por alunos do 6º ano do ensino fundamental em contexto urbano e rural com o propósito de lançar um novo olhar para a produção escrita infantil; e, no acadêmico, a dissertação de Santana (2022), que procede a uma análise linguístico-discursiva de mecanismos de junção na comparação entre as tradições discursivas narrativa e argumentativa, produzidas por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, e a tese de Rodrigues (2023), que explora a historicidade do gênero debate regrado em um itinerário didático proposto para o desenvolvimento de competências e habilidades visando a melhoria do desempenho tanto da compreensão quanto da produção de gêneros orais.

Além das pesquisas, alguns artigos começam também a apontar a produtividade entre o conceito das TD e o ensino, como o de Luna e Lima (2021), que, fundamentados na constatação do reduzido espaço dado à historicidade dos textos e consequentemente às TD no ensino de língua portuguesa, sugerem possibilidades didáticas para a sala de aula, e o de Zavam e Dolz (2023), em que os autores propõem um itinerário didático para o gênero *podcast storytelling* explorando aspectos ligados à historicidade do gênero e à retextualização do escrito para o oral. Todos esses estudos nos levam a reafirmar que não há, pois, dúvida, sobre a relevância e expansão do modelo de TD.

Mas o que, de fato, o conceito traz de novo? O que acrescenta ao de “gênero textual” ou de “tipo textual”? Para Aschenberg (2003), o termo revela sua contribuição aos estudos linguísticos (diacrônicos e sincrônicos) ao acentuar a historicidade dos textos, uma característica que não diz respeito à particularidade histórica do texto concreto, mas sobretudo à convencionalidade e à regularidade que marcam o texto concreto como

⁴² Cf. a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e/ou o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

⁴³ O ProfLetras, um programa de mestrado profissional oferecido em rede nacional, voltado para a capacitação de professores de língua portuguesa, conta com 49 unidades em 42 universidades públicas das cinco regiões brasileiras (<https://profletras.ufrn.br/>).

⁴⁴ Não podemos deixar de mencionar outros trabalhos, também desenvolvidos no âmbito do ProfLetras, como os de Rodrigues (2018), que analisa o funcionamento sintático-semântico dos mecanismos de junção em tradições discursivas argumentativas produzidas por alunos do 6º e 9º anos do Ensino Fundamental; Bavaresco (2019), que investiga o mecanismo de junção como aspecto sintomático da tradição discursiva argumentativa, em relação com a heterogeneidade da escrita; Álvares (2020), que analisa mecanismos de junção, na tradição discursiva argumentativa, produzida por alunos dos 7º e 8º anos do Ensino Fundamental II; e, por fim, Stein (2023), que busca descrever e analisar a tradição discursiva argumentativa e as tradições discursivas que a constituem, em textos escritos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

produto da aplicação de certos padrões midiáticos e conceituais e como pertencente a um gênero histórico e, além disso, a um universo discursivo⁴⁵. E ainda o fato de poder dialogar com outras perspectivas teóricas, pois não pretende ser um modelo conclusivo para entender os vastos e inúmeros fenômenos da língua, mas uma possibilidade de diálogo, visando sempre uma compreensão maior sobre as mais diversas práticas de linguagem nas quais os sujeitos estão envolvidos, quer em um passado remoto, quer em um mais recente.

ZAVAM, Aurea; DOLZ, Joaquim. Discourse traditions: from the emergence to the productivity of a paradigm. *Alfa*, São Paulo, v. 69, 2025.

- **ABSTRACT:** *This article takes the concept of discourse tradition as its starting point, to discuss its productivity in studies that seek to investigate both the history of languages and the history of texts, and for those that cast an investigative eye over traces of permanence and traces of change in texts of more recent synchronies. To this end, it engages with the founding texts of the concept, notably those created within German romanistics, thus exposing its theoretical design, and it also points out the spread of this concept, examining its reach among different researchers and its possibilities for analysis in studies on textual genres. The theoretical exercise highlights Eugenio Coseriu's significant contribution to establishing the paradigm of discourse traditions and reveals its legitimacy both for the study of linguistic-textual phenomena and for Portuguese language teaching, as highlighted in the conclusion of this paper. It is hoped that the studies revisited and the reflections presented will help advance this line of research beyond the spaces it has already reached, in order to stimulate new investigations and foster further dialogue.*
- **KEYWORDS:** *Historicity of texts; Change and permanence in genres; Portuguese language teaching.*

Contribuição dos autores (conforme taxonomia CRediT)

Aurea Zavam: Conceitualização; Pesquisa; Metodologia; Administração do projeto; Visualização; Redação do manuscrito original.

Joaquim Dolz: Conceitualização; Pesquisa; Metodologia; Administração do projeto; Visualização; Redação do manuscrito original.

⁴⁵ Sobre os universos de discurso, Kabatek (2012, p. 584) pontua que são “‘mundos’ culturalmente adquiridos e construídos um sobre o outro, que se podem definir segundo a relação entre falante, signo e mundo. Manifestam-se em discursos; discursos cotidianos, ficcionais, religiosos ou científicos; e estes discursos correspondem, respectivamente, a tradições”.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

REFERÊNCIAS

ALVARES, M. L. de C. **Heterogeneidade da escrita: uma abordagem linguístico-discursiva na relação entre tradição discursiva e mecanismos de junção**. 2020. 197f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2020.

ALVES FILHO, F. **A autoria nas colunas de opinião assinadas da Folha de S. Paulo**. 2005. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ANDRADE, M. L. C. V. O. Interatividade na correspondência publicada em jornais paulistas. **Forma y Función**, v. 23, n. 2, p. 73-95, jul./dez. 2010.

ANDRADE, M. L. C. V. O.; GOMES, V. (coord.). **Tradições discursivas do Português Brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos**. São Paulo: Contexto, 2018.

ASCHENBERG, H. Diskurstraditionen – Orientierungen und Fragestellungen. In: ASCHENBERG, H.; WILHELM, R. (org.). **Romanische Sprachgeschichte und Diskurstraditionen**. Tübingen: Narr, 2003. p. 1-18.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016[1979].

BAKHTIN, M. O heterodiscurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 79-122.

BAVARESCO, S. R. C. **Tradição discursiva, junção e ensino: uma proposta de análise à luz da heterogeneidade da escrita**. 2019. 143 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Assis, 2019.

BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CIAPUSCIO, G. Normas y variedades lingüísticas en los textos de divulgación científica: el caso de revistas de Argentina y México. In: LEBSANFT, F.; MIHATSCH, W.; POLZIN-HAUMANN, C. (ed.). **El español, ¿desde las variedades a la lengua pluricéntrica?** Madrid-Fráncfort: Iberoamericana/Vervuert, 2012. p. 207-227.

CIAPUSCIO, G. *et al.* **Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas en latinoamérica.** Madrid-Fráncfort: Iberoamericana/Vervuert, 2006.

COSERIU, E. **Lições de lingüística geral** (edição revista e corrigida pelo autor). Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COSERIU, E. **Competencia Lingüística:** elementos de la teoria del hablar. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica/Editorial Gredos, 1992.

COSERIU, E. Do sentido do ensino da língua literária. **Confluência**, Liceu Literário Português, n. 5, p. 29-47, 1993.

COSTA, A. C. F. da. **Tradições discursivas em jornais paulistas de 1854 a 1901:** gêneros entre a história da língua e a história dos textos. Munich: GRIN Verlag, 2010. Disponível em: <https://www.grin.com/document/167293>. Acesso em: 30 mar. 2023.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências Didáticas para o oral e para a escrita – apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.

DOLZ, J.; LIMA, G.; ZANI, J. B. Itinerário para o ensino do gênero fábula: a formação de professores em um minicurso. **Revista Textura**, v. 22, n. 52, p. 250-274, 2020.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo:** as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

GALLEGOS SHIBYA, A. **Nominalización y registro técnico:** algunas relaciones entre morfopragmática, tradiciones discursivas e desarrollo de la lengua em español. Universidad de Frigurbo. Tesis doctoral. 2003. Disponível em: <https://freidok.uni-freiburg.de/data/2622>. Acesso em: 20 fev. 2023.

GALLEGOS-SHIBYA, A. La compleja relación entre tradiciones discursivas y estilo. **Revista da Abralin**, v. 19, n. 3, p. 568-581, 2020.

GARATEA, C. M. Tradiciones discursivas en Orígenes del español de Menéndez Pidal. In: JACOB, D.; KABATEK, J. (coord.). **Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica:** descripción gramatical, pragmática histórica, metodología. Frankfurt/Main-Madrid: Vervuert/Iberoamericana (Lingüística Iberoamericana, 12), 2001. p. 249-271.

GOMES, V. S. **Traços de mudança e permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. 2007. 313f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

GOMES, V. S.; ZAVAM, A. Diálogos entre estudos em tradições discursivas no Nordeste. In: ATAÍDE, C. *et al.* (org.). **Cartografia GelNE: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura – Volume II**. São Paulo: Pontes Editores, 2019. p. 49-77.

JACOB, D.; KABATEK, J. **Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica**: descripción gramatical – pragmática histórica – metodología Frankfurt/Main-Madrid: Vervuert/Iberoamericana (Linguística Iberoamericana, 12), 2001.

JUNGBLUTH, K. **Die Tradition der Familienbücher: Das Katalanische während der Decadència**. Tübingen: Niemeyer/De Gruyter: Beihefte der Zeitschrift für romanische Philologie Bd. 272, 1996.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio linguístico. **Lexis**, v. 29, n. 2, p. 151-177, 2005.

KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 579-588.

KABATEK, J. Wie kann man Diskurstraditionen kategorisieren?. In: LÓPEZ SERENA, A.; OCTAVIO DE TOLEDO, A. Winter-Froemel, Esme: **Diskurstraditionelles und Einzelsprachliches im Sprachwandel/ Tradicionalidad discursiva e idiomaticidad en los procesos de cambio lingüístico**. Tübingen: Narr (ScriptOralia), 2015. p. 51-65.

KABATEK, J. Eugenio Coseriu on immediacy, distance and discourse traditions. In: WILLEMS, K.; MUNTEANU, C. (ed.). **Eugenio Coseriu: past, present and future**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2021. p. 227-244.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, P. Norm und Sprache. In: ALBRECHT, J.; LÜDTKE, J.; THUN, H; (org.). **Energieia und Ergon. Sprachliche Variation – Sprachgeschichte – Sprachtypologie: Studia in Honorem Eugenio Coseriu**, vol. II. Tübingen: Narr, 1988. p. 327-354.

KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. (org.). **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Tübingen: Narr, 1997. p. 43-79.

KOCH, P. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento *vuestra merced* en español. In: KABATEK, J. (ed.). **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico**: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Madrid-Fráncfort: Iberoamericana / Vervuert, 2008. p. 53-87.

KOCH, P. Tradições discursivas: de seu *status* lingüístico-teórico e sua dinâmica. Tradução Alessandra Castilho Ferreira da Costa. **Pandaemonium Germanicum**, v. 24, n. 42, p. 360-401, 2021.

KOCH, P.; ÖESTERREICHER, W. **Gesprochene Sprache in der Romania**: Französisch, Italienisch, Spanisch. Tübingen: Niemeyer, 1990.

KOMESU, F. C. *Blogs* e as práticas de escritas sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 110-119.

LONGHIN, S. R. **Tradições discursivas**: conceito, história e aquisição. Série Leituras introdutórias em Linguística – volume 4. São Paulo: Cortez, 2014.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeneamente constituída. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 55, n. 1, p. 225-248, 2011.

LOPES, C. R. dos S. Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 55, n. 2, p. 361-392, 2011.

LOPES-DAMÁSIO, L. R. Junção em contexto de aquisição de escrita: uma abordagem das tradições discursivas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 1371-1386, set./dez. 2014.

LOPES-DAMÁSIO, L. R. O movimento lingüístico-discursivo na aquisição da escrita: uma abordagem dos mecanismos de junção aditivos na construção de sentidos no texto. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 147-170, jul./dez. 2019.

LOPES-DAMÁSIO, L. R. Junção e tradição discursiva na escrita infantil. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 14, n. 29, p. 136-156, 2020.

LOPES-DAMÁSIO, L. R. Para argumentar, basta começar: mecanismos de junção e tradição discursiva em aquisição. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 64, n. 00, p. e022005, 2022.

LÓPEZ SERENA, A. Peter Koch y Wulf Öesterreicher (1990): *Gesprochene Sprache in der Romania*: Französisch, Italienisch, Spanisch, Tübingen, Max Niemeyer, 1990, X + 266 (Romanistische Arbeitshefte, 31). **Lexis**, v. 26, n. 1, p. 255-271, 2002.

LÓPEZ SERENA, A. La doble determinación del nivel histórico en el saber expresivo. Hacia una nueva delimitación del concepto de “tradición discursiva”. *Romanistisches Jahrbuch*. v. 62, p. 59-97, 2011.

LÓPEZ SERENA, A. La tradicionalidad discursiva como materia y las tradiciones discursivas como objeto de estudio. **Verba: Anuario Galego De Filoloxía**, v. 48, p. 11-40, 2021a.

LÓPEZ SERENA, A. Tradiciones discursivas, historia de la lengua española e historia del portugués brasileño. Fundamentos teóricos, principios metodológicos y aproximaciones descriptivas. **Lexis**, v. 4, n.2, p. 483-553, 2021b.

LÓPEZ SERENA, A. Entre lo individual y lo histórico. El lugar de las tradiciones discursivas en la tripartición coseriana del lenguaje. **Boletín De Filología**, v. 58, n. 1, p. 47-91, 2023.

LOUREDA LAMAS, O. Presentación del editor: La Textlinguistil de Eugenio Coseriu. *In: COSERIU, E. Lingüística del texto*. Introducción a la hermenéutica del sentido. Édition et annotation d’Oscar Loureda Lamas. Madrid: ARCO/Libros, 2007. p. 19-73.

LUNA, E. A. dos A.; LIMA, H. C. de. Possibilidades de trabalho com as Tradições Discursivas na aula de português: considerações a partir das habilidades da BNCC-EM. **Eutomia**, v. 29, n. 1, p. 117-140, 2021.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MENDOZA POSADAS, M. A. El papel de las Tradiciones Discursivas en la lingüística histórica mesoamericana: un ejemplo de los testamentos nahuas. **Lexis**, v. 44, n. 2, p. 619-657, 2020.

MILLER, C. R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Organização de Ângela P. Dionísio e Judith Hoffnagel. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ÖESTERREICHER, W. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. *In: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. (org.). Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997. p. 19-41.

ÖESTERREICHER, W. Sprechttätigkeit, Einzelsprache, Diskurs und vier Dimensionen der Sprachvarietät. *In: ALBRECHT, J.; LÜDTKE, J.; THUN, H. (org.). Energieia und Ergon. Sprachliche Variation – Sprachgeschichte – Sprachtypologie: Studia in Honorem Eugenio Coseriu*, vol. II. Tübingen: Narr, 1988. p. 325-386.

PINHEIRO, C. L. Eugênio Coseriu e a linguística do texto no Brasil. **Organon**, Porto Alegre, v. 3, n. 64, p. 1-16, 2018.

PONS RODRIGUEZ, L. El peso de la tradición discursiva en un proceso de textualización. Un ejemplo en la Edad Media castellana. In: KABATEK, J. (ed.). **Sintaxis histórica del español**. Nuevas perspectivas desde las tradiciones discursivas. Madrid-Fráncfort: Iberoamericana / Vervuert, 2008. p. 197-224.

RODRIGUES, A. M. **Tradição discursiva argumentativa**: uma abordagem dos mecanismos de junção via heterogeneidade da escrita. 2018. 167f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Assis, 2018.

RODRIGUES, T. **A historicidade dos textos no ensino de gêneros orais à luz das Tradições Discursivas e do Interacionismo Sociodiscursivo**. 2023. 185f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

SANTANA, M. D. **Uma abordagem linguístico-discursiva da junção na escrita infantil**. 2022. 194f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp), São José do Rio Preto, 2022.

SANTOS, A. I. dos. **Didatização da historicidade dos textos e da língua por meio da tradição discursiva anúncio publicitário**. 2019. 139f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade de Pernambuco, Mata Norte, 2019.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **Traditionen des Sprechens. Elemente einer pragmatischen Sprachgeschichtsschreibung**. Stuttgart: Kohlhammer, 1983.

STEIN, I. S. V. **A escrita constitutivamente heterogênea**: uma análise de textos argumentativos. 2023. 187f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Assis, 2023.

STOLL, E. **Konquistadoren als Historiographen**: Diskurstraditionelle und textpragmatische Aspekte in Texten von Francisco de Jerez, Diego de Trujillo, Pedro Pizarro und Alonso Borregán. Tübingen: Narr, 1997.

TAURA, L. G. **Tradição Discursiva, variedade linguística e ensino**: uma abordagem da heterogeneidade da escrita. 2019. 153f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Assis, 2019.

ZAVAM, A. S. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva**: um estudo com editoriais de jornais. 2009. 420f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

ZAVAM, A. Transmutação: criação e inovação nos gêneros do discurso. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 12, n. 1, p. 251-271, 2012.

ZAVAM, A.; DOLZ, J. *Podcast: retextualização e historicidade do gênero em um itinerário didático*. In: DOMINGOS, J.; RODRIGUES, L. P. (org.). **Emergências contemporâneas nas pesquisas em práticas de ensino e linguagem**. Campina Grande: EdUEPB/Marca de Fantasia, 2023. p. 15-44. Disponível em: https://marcadedefantasia.com/livros/linguagemediscurso/emergencias_contemporaneas/emergencias_contemporaneas.pdf. Acesso em: 19 ago. 2025.

Recebido em 13 de outubro de 2023

Aprovado em 20 de agosto de 2024